

O lugar do *Also Sprach Zarathustra* no contexto da obra de Nietzsche

José Nicolao Julião/VFG

juliao@ipe.ufg.br

Resumo

Esse artigo tem como objetivo situar o escrito de Nietzsche *Also Sprach Zarathustra* (ASZ), no contexto de sua obra e conferir-lhe o estatuto de obra principal.

Palavras-chave: Filosofia contemporânea, Nietzsche, Zarathustra..

Abstract

In this article I try to place Nietzsche's *Also sprach Zarathustra* (ASZ), within the context of his writings, giving to it the status of main work.

Key-words: Contemporary Philosophy, Nietzsche, Zarathustra..

1 - Apresentação

Para o que me proponho neste artigo, reviso uma certa discussão acerca da divisão da obra nietzscheana, na qual tomo partido defendendo a posição de que a divisão em três partes deve ser mantida.

2 - Divisão Standard

Os intérpretes de Nietzsche geralmente dividem a sua obra em três fases. Já Peter Gast, no prefácio da segunda edição do ASZ, de 1892, divide a obra do seu mestre em três períodos: "o primeiro (até 1876) é marcado por *Die Geburt der Tragödie e Unzeitgemässe Betrachtungen*; o segundo (até 1882) se estende de *Menschliches, Allzumenschliches* à *Die fröhlich Wissenschaft*; o terceiro, enfim, é aquele do pensamento zarathustriano.

Lou Andréas Salomé, também discípula de Nietzsche, em seu livro *Friedrich Nietzsche in seinen Werken* (1924), na terceira parte dedicada ao sistema nietzscheano, contribuiu para que essa divisão fosse assim estabelecida. Todavia, essa divisão foi indicada pelo próprio Nietzsche e

isso pode ser constatado em sua correspondência com Overbeck e com a própria Lou Salomé no ano de 1882,¹ mas, sobretudo, em uma carta de junho de 1888 enviada ao professor Karl Knortz, na qual é dito:

Do meu Zaratustra, opino que é talvez, a obra mais profunda existente em língua alemã, e também a mais perfeita quanto ao idioma. Mas para perceber isto é preciso passarem gerações que experimentem intimamente o que serviu de base ao nascimento de tal obra. Quase aconselharia começar pelas minhas últimas obras, que são as que maior espaço abarcam e as mais importantes (Além de Bem e Mal e Para Genealogia da Moral). Para mim, as mais simpáticas são as obras médias – Aurora e A Gaia Ciência – que reputo as mais pessoais. As considerações intempestivas, escritos de juventude, num certo sentido, têm a maior importância para a percepção do meu desenvolvimento.²

Não só a divisão da obra em três partes tornou-se largamente aceita, implicitamente ou explicitamente, pelos intérpretes, mas também a escolha dos escritos que delimitam os períodos: o primeiro, inaugurado com a elaboração de *Die Geburt der Tragödie* (GT) de 1871 e os seus estudos anteriores em Leipzig; o segundo, inicia-se com a elaboração e a publicação de *Menschliches, Allzumenschliches* (MA), em 1876-78; e o terceiro e derradeiro período, chamado de transvaloração (*Umwertung*), foi inaugurado com o aparecimento do ASZ, em 1883. Não obstante, também foi o próprio Nietzsche que em cartas - já citadas - e em escritos autorizados, estabeleceu essa demarcação.

Esses períodos foram considerados, por alguns intérpretes, como correspondendo às fases de desenvolvimento do pensamento nietzscheano. Karl Löwith em seu livro *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen* (1935), no segundo capítulo intitulado "A Periodização dos Escritos de Nietzsche", aponta duas transformações radicais na filosofia de Nietzsche: a primeira, de jovem reverente em espírito livre; a segunda de espírito livre em mestre do eterno retomo. Essas transformações implicam na tradicional divisão em três fases. A primeira compreendendo GT e as *Unzeitgemässe Betrachtung* (UB), é marcada pela renovação da cultura alemã; a segunda, compreende MA, *Morgenröte* (M) e os quatro primeiros livros de *Die fröhliche Wissenschaft* (FW) e mostra a busca do seu caminho enquanto espírito livre; a terceira, abrange o ASZ e as obras

subseqüentes até *Ecce Homo* (EH), apresentando a doutrina do eterno retorno.

Karl Jaspers em seu livro, *Nietzsche, Einführung in das Verständnis seines Philosophierens* (1936), no primeiro livro, "A vida de Nietzsche", na parte dedicada ao desenvolvimento da obra nietzscheana, mantém a mesma divisão em três fases. Todavia, apesar de incluir o ASZ na última fase, chama atenção para o caráter peculiar do escrito, que não se classifica em nenhum dos estilos experimentados por Nietzsche.

Eugen Fink, em continuidade com Löwith e Jaspers, mantém a mesma posição em relação à divisão do desenvolvimento do pensamento nietzscheano. Em seu livro *Nietzsches Philosophie* (1960), no capítulo III dedicado ao ASZ, com o título de "A Anúnciação", faz a seguinte observação:

O Zaratustra inaugura a terceira e definitiva fase da filosofia de Nietzsche. Com esta obra, o seu pensamento atinge o meio-dia; a força deste gênio atinge o zênite. Depois do ponto de partida romântico dos seus primeiros textos, após a reação científico-desmistificadora, Nietzsche encontra agora a sua verdadeira natureza.

Estabelecer a divisão periódica da obra de Nietzsche, tal como parcialmente se convencionou, não foi tão problemática, uma vez que se seguiu o impulso da orientação dada por ele próprio. Porém, o mesmo consenso não ocorreu depois, sobretudo, da publicação da edição crítica organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari, na hora de se eleger qual dos escritos de Nietzsche melhor expressaria a sua filosofia, ou seja, qual ganharia o *status* de "obra principal" (*Hauptwerk*). Apesar dele, freqüentemente, considerar ASZ como o seu mais importante escrito: "Entre os meus escritos, meu Zaratustra sustenta-se por si. Com ele, fiz à humanidade a maior dádiva que até agora lhe foi feita."³

Essa consideração nem sempre foi respeitada por seus intérpretes. Heidegger, nesse ponto, talvez tenha sido o que mais contribuiu para tal posição, em seus primeiros estudos sobre Nietzsche dos anos de 1936-37.⁴ Ele teceu grandes considerações à suposta obra póstuma, *Der Wille zur Macht* (WM), em torno da qual se construiu uma lenda. Logo nas

primeiras páginas de seu livro, Heidegger considera que o essencial da filosofia de Nietzsche não foi publicado por ele mesmo, devido a sua autêntica filosofia ter permanecido póstuma. O ASZ, desta forma, desempenharia o papel de *Vorhalle*.⁵ Porém, desde a publicação da edição de Karl Schelechta, de 1956 em 3 volumes, já se suspeitava que a obra póstuma de Nietzsche, a WM, não passava de uma quantidade desorganizada de fragmentos e com o trabalho exemplar da edição crítica de G. Colli e M. Montinari sabemos definitivamente que tal obra nunca existiu, que ela não passava de um projeto pretendido por Nietzsche desde 1884, mas depois abandonado em agosto de 1888. Desta forma, com o fim da *Hauptwerk*, assim chamada por Heidegger, parece desde então que os intérpretes de Nietzsche divergem quanto a nomeação de uma obra que seja a mais importante, isto é, a que melhor expresse o seu derradeiro pensamento. Conseqüentemente, alguns intérpretes apresentam alternativas para a divisão da obra e escolha dos escritos que delimitam as fases.⁶

3 - Alternativas de Divisão

As variantes para a divisão do *corpus* nietzscheano consistem:

(1) em considerar substancialmente unitário todo pensamento médio e de maturidade, de MA até aos últimos escritos (2) ou apontar uma posterior distinção entre o ASZ e as obras mais tardias.

Ilustrando o primeiro exemplo acima mencionado, podemos citar A. Nehamas que em seu livro *Nietzsche. Life as Literature*, na segunda seção da primeira parte, propõe uma divisão da obra nietzscheana em duas fases, antes e depois da descoberta do perspectivismo. Nehamas situa o surgimento do perspectivismo nietzscheano aproximadamente em MA, livro que marca uma ruptura radical com a primeira fase. Pois, como salienta Nehamas, Nietzsche, nos textos da primeira fase fortemente influenciado por Kant, Schopenhauer e Wagner, propõe a edificação de uma metafísica de artista em oposição a uma metafísica racional, e ainda admite a existência de uma "verdadeira natureza do mundo", a qual o pensamento metafísico racional não poderia alcançar, mas que o pensamento trágico através do coro dionisiaco, de inspiração musical,

teria acesso. Porém, por mais que o pensamento trágico revele que a natureza do mundo não tem uma estrutura ordenada, que ela é caótica e desordenada, Nietzsche aí, ainda, admite uma espécie de suporte estético para o mundo, que ele questionará anos depois no prefácio tardio de GT, em 1886. A primeira fase do pensamento de Nietzsche, de modo geral, seria guiada por essa idéia, a qual posição, segundo Nehamas, o perspectivismo nega radicalmente. O perspectivismo nega que exista uma verdadeira natureza do mundo e que este tenha um suporte, mas antes revela que o que existe é tão-somente interpretação. Essa idéia ganha destaque sobretudo nos textos da época de JGB, sobre a qual obra Nehamas tece as maiores considerações. Todavia, o perspectivismo pode ser reportado, em forma de esboço, à época de MA, em que Nietzsche se apoia nas interpretações científicas – sobretudo, biológicas, físicas e psicológicas – contra as interpretações metafísicas, religiosas e estéticas do mundo.

Em MA, como mostra Nehamas, Nietzsche considera em primeiro plano o rigor científico, a reflexão crítica e a seriedade no conhecimento, enquanto que a metafísica, a religião e a arte são condenadas como ilusões que se tem de ultrapassar; nesse livro é enfatizado o caráter humano, demasiado humano de tudo que até então havia sido considerado como sagrado, eterno e de origem sobre-humana; esse livro é, em seu conjunto, um repúdio a toda forma de idealismo e a toda pretensão de verdade fundante. A verdade é apresentada como uma ficção moral, que tem sua origem no interesse, mais tarde no hábito e finalmente no esquecimento promovido pelo progresso.⁷ Foi a humana necessidade de consolo que engendrou toda ilusão metafísica, religiosa e artística.⁸ Segundo Nehamas, Nietzsche no pequeno escrito de 1873, "*Über Wahrheit und Lüge im Aussermoralischen Sinne*" (UWL), já havia esboçado a tarefa de desmistificação da verdade, que a partir de MA ganha destaque, alcançando o seu amadurecimento na formulação decisiva da vontade de poder, exaltada como vontade perspectiva.

O que nos chama imediatamente a atenção no livro de Nehamas é a habilidade com a qual ele trata os temas nietzscheano; com astúcia e perspicácia ele constrói um edifício arquitetônico original do pensamento

de Nietzsche. Todavia, ao meu ver, essa divisão proposta por ele é um pouco forçada; visa valorizar justo aquilo que mais lhe chama atenção em Nietzsche, o perspectivismo e o esteticismo. Porém se nos atermos ao que Nietzsche falou propriamente de sua obra em seus escritos, sem levar em conta a correspondência, podemos encontrar recursos suficientes para mantermos a obra dividida em três partes, ou pelo menos uma distinção entre as obras do período médio e as de amadurecimento. Nietzsche em o prefácio de *Zur Genealogie der Moral* (GM)⁹ diz o seguinte sobre MA:

Como tenho dito, foi a primeira vez que eu trouxe à luz aquelas hipóteses, genealógicas, as quais estes tratados são dedicados, com torpeza, que eu seria o último a querer oculta-me,' ainda sem liberdade, sem dispor de uma linguagem própria (*eigne Sprache*) para dizer estas coisas próprias e com múltiplas recaídas e flutuações.

Ao meu ver, quando Nietzsche fala de uma "linguagem própria", ele está se referindo aos conceitos chaves de sua filosofia, sobretudo, vontade de poder e eterno retorno, que foram elaborados justamente no espaço que separa MA e GM. Deste modo, julgo que não é procedente estabelecer uma unidade entre as duas últimas fases, pois o próprio Nietzsche considera ter obtido ganhos em sua filosofia entre o período de MA e GM. Porém, concordo com Nehamas no que concerne à ruptura com a primeira parte.

Ilustrando o segundo exemplo, podemos citar Montinari e Stegmaier. Montinari em seu livro *Che Cosa Ha Veramente Detto Nietzsche*, de 1975, sem discutir explicitamente questões de periodização, propõe uma subdivisão da fase de amadurecimento do pensamento nietzscheano, entre uma "filosofia de Zarathustra" e um pensamento do último Nietzsche, caracterizado pelo projeto de uma transvaloração. Ele considera que com o fim do projeto de elaboração da WM, em agosto de 1888, Nietzsche tinha uma ambição maior com o projeto de uma obra em quatro livros intitulada *Umwerthung aller Werthe* (*Transvaloração de Todos os Valores*).¹⁰ Desta forma, os textos editados dos últimos meses da vida lúcida de Nietzsche, sobre os quais Montinari tece os maiores apreços, são compreendidos dentro do projeto da *Umwerthung aller*

Werthe. Der *Antichrist* (AC) funcionaria como primeiro livro dessa obra, e tem *Götzen-Dämmerung* (DG) como uma espécie de obra gêmea,¹¹ que por sua vez teria, inicialmente, *Ecce Homo* (EH) como apêndice. EH foi concluído juntamente com *Nietzsche Contra Wagner* (NW) e *Dionysos-Dithyramben* (DD). Por mais que Nietzsche acabe por identificar, posteriormente, o AC com a *Umwertung aller Werthe*, as obras que lhe são próximas acabam por se identificar com ela, pois têm características semelhantes. O que para Montinari caracterizaria essas últimas obras seria o abandono paulatino, por parte de Nietzsche, de uma sistemática da vontade de poder, que implicaria numa metafísica da vontade, ao modo schopenhauriano, em prol do pensamento do eterno retorno que impede toda tentativa de sistematização.

Apesar de todo recurso filológico de Montinari, julgo que a sua interpretação, no que concerne a uma alteração na divisão do conjunto da obra de Nietzsche, é também um pouco forçada. Pois, como foi dito acima, segundo ele, é o abandono da pretensão de uma sistemática da vontade de poder com a substituição do projeto da obra WM, pelo projeto de escrever a *Umwertung aller Werthe*, que tem o eterno retorno como centro das atenções, que demarcaria uma quarta fase do pensamento de Nietzsche. Essa divisão, *ao meu ver*, é desnecessária, supérflua e até mesmo improcedente, pois nada do que foi dito no projeto da transvaloração é novo em relação às obras escritas a partir de ASZ e os temas do eterno retorno e da vontade de poder devem ser pensados numa simbiose. Dessa forma, as últimas obras de Nietzsche seriam um reforço do que já fora anunciado em ASZ e se Montinari tem razão em destacar o tema do eterno retorno como sendo o centro das atenções dessas últimas obras, elas então realmente estão em ressonância com o Zaratustra. Pois, conforme o próprio Nietzsche afirma em EH sobre o ASZ: "A concepção básica da obra é a idéia do eterno retorno..."¹² Logo, todas as obras a partir de ASZ devem ser pensadas em conjunto, formando uma unidade.

Como um segundo exemplo, dos que subdividem a última fase da obra de Nietzsche, temos Stegmaier que, em seu interessante livro, *Nietzsches - Genealogie der Moral*, no segundo capítulo (A), propõe uma divisão da terceira fase em uma quarta. A argumentação está

fundamentada numa passagem de EH, na parte dedicada a *Jenseits von Gut und Böse* (JGB), em que é dito: "Depois de concluída a parte da minha tarefa que diz sim, veio em seguida a metade da mesma que diz não e que atua pela negação: a transvaloração mesma dos valores até agora vigentes, a grande guerra, - a evocação de um dia de decisão". Com base nessa passagem, Stegmaier estabelece uma distinção entre o ASZ e as outras obras subsequentes.

ASZ seria a tarefa afirmativa e resgatária, através do poeitar de Zaratustra, o sentido estético da primeira fase em reação ao cientifismo da segunda fase. Depois do poeitar filosófico do Zaratustra, o seu sim, Nietzsche retomaria a forma científica do aforismo característica da segunda fase de sua obra. Os escritos subsequentes ao ASZ seriam um "contra-movimento" (Gegenbewegung) a ele e desembocariam na Hauptwerk, WM e depois, em *Umwertung, aller Werthe*. Stegmaier chama a atenção afirmando: primeiro, que esses livros se constituíram em pares: JGB e GM, *Der Fall Wagner* (FW) e AC; segundo, que neles Nietzsche remete sua crítica à metafísica, à moral, à religião, e também faz uma autocrítica,¹³ e que esses livros apresentam o último desenvolvimento da radicalização das temáticas do pensamento de Nietzsche. Desse ponto de vista, EH e AC, como últimas obras, trazem o tema do dionisíaco como o extremo do pensamento nietzscheano. Stegmaier, de forma semelhante a Montinari, por quem talvez tenha sido fortemente influenciado, alerta que a radicalização do último pensamento de Nietzsche se caracteriza por um afastamento do conceito de vontade de poder. Dessa forma, o conceito de Dioniso é a superação da vontade de nada, na qual a vontade de poder pode desembocar.

As críticas a Stegmaier¹⁴ vão na mesma direção das já remetidas a Montinari, pois, como já foi dito, as interpretações são muito semelhantes, com poucas variações na argumentação. Montinari enfatiza mais o pensamento do eterno retorno e Stegmaier o tipo Dioniso, todavia podemos estabelecer uma identidade entre os dois conceitos – o próprio Nietzsche afirma que é o último discípulo do filósofo Dioniso e o mestre do eterno retorno.¹⁵ Sabemos que a temática do Dioniso em Nietzsche surge em seus primeiros escritos e o eterno retorno é do final da segunda

fase e é "a concepção central do ASZ". O primeiro tema ganha fôlego a partir do segundo, o pensamento do eterno retorno passa a ser o que possibilita o tipo Dioniso, isto é: após a "morte de Deus", o eterno retorno é o pensamento que redime o sentimento de nada instaurado por essa falta, o niilismo propriamente dito, e propicia, como alternativa, o tipo afirmativo dionisíaco. Essa trama conceitual é experimentada por Zarathustra ao longo da obra. Em ASZ, Nietzsche revitaliza a temática trágica de GT, porém agora não mais através de uma metafísica de artista, tal como a obra de juventude sugere, mas através de uma "linguagem própria", que deve ser compreendida como os conceitos-chaves de sua filosofia. É nessa direção que também devemos compreender a idéia desenvolvida em EH sobre o ASZ, como "a parte da tarefa que diz sim", ou seja: o "sim" que expressa a obra, não tem apenas o sentido de um pensamento afirmativo que diz sim diante das adversidades da vida mas, também, tem o sentido tético de indicar a parte positiva de elaboração de uma filosofia própria.

4 - ASZ como *Hauptwerk*

Dessa maneira, julgo que Nietzsche, a partir do ASZ, teve poucos avanços em relação à elaboração de novos conceitos que explicitem melhor a sua filosofia. Ele, nas obras após o ASZ, muitas vezes o exalta como ponto alto (*Höhepunkt*) de seu pensamento e também do pensamento da humanidade. Essas obras servem sempre como esclarecimento (*Erläuterung*)¹⁶ ao ASZ e culminam como a sua prefiguração. Como exemplos mais ilustrativos dessa afirmação podemos constatar os parágrafos 24 e 25 do segundo ensaio de GM e o divulgadíssimo capítulo do tardio GD, em que se resumem as etapas da tradição filosófica ocidental até ASZ.¹⁷ No primeiro escrito é dito:

§ 24

Concluo com três pontos de interrogação, bem se vê. "Aqui é propriamente edificado ou demolido um ideal?", assim me perguntam talvez... Mas não perguntastes alguma vez o bastante a vós próprios quanto caro se fez pagar sobre

a terra a edificação de todo ideal? Quanto de efetividade teve sempre de ser caluniada e equivocada para isso, quanto de mentira santificada, quanto de consciência transtornada, quanto de "Deus" sacrificado a cada vez? Para que possa ser edificado um santuário, é *preciso derrubar um santuário*: essa é a lei – que me mostrem o caso em que ela não foi cumprida! ... Nós, homens modernos, somos os herdeiros da vissecação de consciência e auto-sevícia de milênios: nisso temos o nosso mais longo exercício, nossa aptidão artística talvez, em todo demasiado tempo suas propensões naturais com "maus olhos", de tal modo que, nele, elas se irmanaram finalmente com a "má consciência". Um ensaio inverso seria em si possível – mas quem é forte bastante para isso? –, ou seja, irmanar as propensões desnaturadas, todas aquelas aspirações ao além, contrário aos sentidos, contrário ao instinto, contrário à natureza, contrário ao animal, em suma, todos os ideais até agora, que são, todos eles ideais hostis à vida, caluniadores do mundo, com má consciência. A quem se dirigir hoje com tais esperanças e pretensões? ... Precisamente os homens bons teríamos, com isso, contra nós, e além disso, como é justo, os comodistas, os reconciliados, os vaidosos, os delirantes, os cansados... O que ofende mais profundamente, o que separa mais radicalmente, do que deixar notar algo do rigor e elevação com que se trata a si mesmo? E inversamente – que complacente, que amoroso se mostra o mundo todo para conosco!... Seria necessária, para aquele alvo, uma outra espécie de espíritos, do que, precisamente neste século, são verossímeis: espíritos fortalecidos por guerras e vitórias, aos quais a conquista, a aventura, o perigo, até mesmo a dor, se tornaram necessidade; para isso seria necessário o hábito do ar cortante das alturas, de andanças de inverno, de gelo e montanhas em todos os sentidos; para isso seria necessária uma espécie de sublime maldade mesmo, uma última malícia do conhecimento, muito segura de si, que faz parte da grande saúde!... Isso, precisamente hoje, é sequer possível?... Mas algum dia, em um tempo mais forte do que este presente podre, que duvida de si mesmo, ele tem de vir a nós, o homem redentor do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador, cuja força propulsora o leva sempre outra vez para longe de todo à parte e de todo além, cuja solidão é mal entendida pelo povo, como se fosse uma fuga da efetividade –: enquanto é apenas seu mergulhar, enterrar-se, aprofundar-se na efetividade, para um dia, quando ele outra vez vier à luz, trazer de lá a *redenção*, dessa atividade: redimi-la da maldição que o ideal até agora depôs sobre ela. Esse homem do futuro, que nos redimirá, tanto do ideal de até agora quanto daquilo que teve *de crescer dele*, do grande nojo, da vontade de nada, do niilismo, esse bater de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna a vontade outra vez livre, que devolve à terra seu alvo e ao homem sua esperança, esse anticristo e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada – *ele tem de vir um dia*... (Utilizo-me aqui da trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho, in *Os Pensadores*, pp. 311-12).

(§ 25)

Mas o que estou dizendo? Basta! Basta! Neste ponto somente uma coisa me convém, calar: pois senão invadiria um terreno que está reservado para um mais jovem, de mais "futuro" e mais forte que eu, - o que somente a Zaratustra é permitido, Zaratustra o ímpio. (Idem).

Nessa passagem Zaratustra aparece como o redentor do animal enfermo que é o homem. Ele é o futuro, ou melhor o profeta do super-homem que redimirá a humanidade do estado enfermo, niilista, no qual ela se encontra e ensinará a redenção da vontade. Nietzsche nos demonstra aqui o papel que Zaratustra desempenha como redentor do processo decadente evolutivo da humanidade e como o ensinamento da redenção, através da natureza do tempo, pode superar o niilismo e afirmar uma celebração dionisíaca da vida..O segundo escrito é: "Como o "Verdadeiro Mundo" acabou por se tornar em fábula (História de um erro)".

1. O verdadeiro mundo, alcançável ao sábio, ao devoto, ao virtuoso - eles vivem nele, são eles. (Forma mais antiga da idéia, relativamente esperta, singela, convincente. Transcrição da proposição "eu, Platão, sou a verdade"). 2. O verdadeiro mundo, inalcançável por ora, mas prometido ao sábio, ao devoto, ao virtuoso ("ao pecador que faz penitência"). (Progresso da idéia: ela se torna mais refinada, mas cativante, mais impalpável - ela vira mulher, ela se torna cristã ...)

3. O verdadeiro mundo, inalcançável, indemostrável, imprometível, mas já ao ser pensado, um consolo, uma obrigação, um imperativo. (O velho sol ao fundo, mas através de neblina e *skepsis*: a idéia tornada sublime, desbotada, nórdica, königsberguiana).

4. O verdadeiro mundo - inalcançável? Em todo caso inalcançado. E como inalcançável também desconhecido. Consequentemente, também não consolador, redentor, obrigatório: a que poderia algo desconhecido nos obrigar?... (Cinzenta manhã, primeiro bocejo da razão. Canta o galo do *positivismus*.)

5. O "verdadeiro mundo" - uma idéia que não é útil para mais nada, que não é nem mais obrigatória - uma idéia que se tornou inútil, supérflua,

consequentemente uma idéia refutada: expulsemos-la! (Dia claro; café da manhã: retomo do *bon sens* e da serenidade; rubor de vergonha em Platão; alarido dos demônios em todos espíritos livres.)

6. O verdadeiro mundo, nós o expulsamos: que mundo resta? o aparente, talvez?... Mas não! Com o verdadeiro mundo expulsamos também o aparente! (Meio-dia; instante da mais curta sombra; fim do mais longo erro; ponto alto da humanidade; INCIPT ZARATUSTRA.) (Utilizo-me aqui da trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho, *in Os Pensadores*, p.332)

Nessa passagem, Nietzsche se refere a sua própria filosofia duas vezes: primeiro, a filosofia da manhã no ponto 5 como a fase em que nos liberamos do "verdadeiro mundo", corresponderia ao segundo momento de seu desenvolvimento filosófico, período no qual ele desmistifica toda pretensão de ideal da metafísica, da religião, da moral e da arte; segundo, a filosofia do meio-dia, a hora sem sombra, no ponto 6 como a fase que nos liberamos da dicotomia verdade-aparência, seria o terceiro momento de sua filosofia e teria o Zarathustra como a mais forte expressão. Deste modo, o ASZ poderia ser considerado como a luz que ilumina as obras seguintes e podemos considerar o seu ensinamento como o último pensamento de Nietzsche.

Notas

¹ A Lou Andréas Salomé foram enviadas duas cartas em 1882, 27.12.82, KGB 6\213 e 3.7.1882, KGB 6\217. No mesmo ano foi enviada uma carta a Overbeck, com conteúdo semelhante em relação à periodização de seu pensamento, 9.9.1882, KGB 6\225.

² Quem sugeriu a Nietzsche essa sistemática de leitura, de começar pelas obras de juventude, foi Georg Brandes, que depois de ter recebido exemplares dos primeiros livros, confessa numa carta de 7 de março de 1888 o seu equívoco de ter começado sua leitura pelo ASZ. Cf. Curt Paul Janz - Friederich Nietzsche, 3 B., Carl Hanser Verlag, 1979. vol. 3, p.266 ss.

³ EH, Prefácio, 4.

⁴. Nietzsche - em 2 vol.; I, p. 17.

⁵. Heidegger chama a atenção para uma carta de Nietzsche a Peter Gast de 7.4.1884, na qual é dito que o ASZ serviria como um vestibulo (*Vorhalle*) à WM, uma espécie de porta de entrada para o edifício principal. Nietzsche já havia enviado, em 8.3.84, ao próprio Peter Gast, uma carta com conteúdo idêntico e também para Meysenburg em duas outras cartas no final de março e no início de maio.

⁶. Não que não houvesse alternativas para a divisão da obra de Nietzsche antes da edição crítica, o exemplo mais clássico é a proposta de Charles Andler, que em seu livro Nietzsche, *sa Vie et sa Penser*, de 1958, no tomo II, p.12-16, chama a atenção para o hábito de se dividir a obra de Nietzsche em três partes, tal como se convencionou: primeira fase pessimismo romântico (1868-1876); segunda fase positivismo cético (1876-1881) e, a terceira fase, período de reconstrução (1882-1888). E propõe uma divisão em duas partes, que correspondem às duas grandes intuições de Nietzsche: a primeira, com a descoberta da filosofia de Schopenhauer, que lhe impulsionou a elaboração do seu pensamento até 1881; a segunda, com a visão do eterno retorno, em ASZ e nas obras posteriores. Todavia, Andler não dispunha ainda do instrumental que autores mais recentes dispõem que possibilita a ciência do texto em Nietzsche. Refiro-me, sobretudo, à publicação da edição crítica.

⁷. MA, II, 39.

⁸. MA, I, 108,238.

⁹. GM, prefácio, 4.

¹⁰. Essas informações podem ser constatadas, sobretudo, nas intenções declaradas da correspondência de setembro a outubro de 1888, como, por exemplo a Paul Deussen, em 14/09; a Georg Brandes, em 13/09, essas citadas por Montinari. Mas também a Carl Fuchs, em 06/09; à Meta von Salis, em 07/09; ao editor Naumann, em 07/09; a Heinrich Köselitz (Peter Gast), em 12/09; à irmã, em 14/09; a Overbeck, em 18/10; etc...

¹¹. Montinari chama a atenção em "Nietzsche Lesen: Die Götzen-Dämmerung" in Nietzsche- Studien, 13, 1984, que GD é um projeto paralelo ao projeto de Umwerthung aller Werthe e é produto do material de WM. Mas Nietzsche, sobretudo, nas cartas mencionadas na nota anterior se refere a GD como pertencente ao projeto.

¹². EH, III, "ASZ", 1. As referências ao ASZ nas últimas obras de Nietzsche não se restringem apenas a aparições em EH, mas encontram-se também em outras, por exemplo: em o AC, na introdução e nos parágrafos 53 e 54; em DD, alguns dos ditirambos pertencem ao ASZ ("Só doido! Só poeta!", "Entre as filhas do deserto");

GD, "Como o 'verdadeiro mundo' acabou por se tomar uma fábula" e como o próprio Montinari chama a atenção, as últimas linhas GD se referem ao eterno retorno, "concepção básica" do ASZ.

^{13.} Stegmaier insere também nessa suposta quarta fase os prefácios tardios (1886) de Nietzsche em algumas das obras das duas primeiras fases.

^{14.} É bom lembrar que Stegmaier em sua recente obra *Interpretationen Hauptwerke der Philosophie - Von Kant bis Nietzsche*, Reclam, Stuttgart, 1997, considera o ASZ como a *Hauptwerk* de Nietzsche. Segundo ele, devido à impossibilidade de Nietzsche de elaborar a sua verdadeira *Hauptwerk*, ele acabou por nomear o ASZ como tal; p. 402, 443.

^{15.} GD, "O que devo aos antigos", 5.

^{16.} Stegmaier, em seu livro *Nietzsches Genealogie der Moral*, questiona a idéia de as obras após ASZ serem consideradas esclarecimentos de esclarecimentos, p. 26. Salaquarda, em um recente artigo, chama a atenção para duas cartas de Nietzsche, uma para Overbeck de 7/4/1884 e outra para Resa von Schimhofer, do início de maio de 1884, nas quais Nietzsche fala de *Morgenröthe* e também *fröhliche Wissenschaft* como um esclarecimento antecipado (*vorweggenommene Erläuterung*) de seu *Zarathustra*. Cf Salaquarda, J. - "Fröhliche Wissenschaft zwischen Freigeisterei und neur 'Lehre' " - in *Nietzsche-Studien*, 1997, p. 169.

^{17.} Cf. também os parágrafos 53, 54 do AC, o final de Nietzsche contra Wagner e o grande n° de citações sobre ASZ em EH.

Referências bibliográficas

1. De Nietzsche:

NIETZSCHE, F. *Kritische Studienausgabe* – hrgb. von Giorgio Colli und Mazzino Montinari – Berlin., NY : DTV de Gruyter, 1988.

_____. *SÄMTLICHE Briefe in 8 Bänden* – hrgb . von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. – Berlin. NY : DTV de Gruyter, 1986.

_____. *Prelúdio a uma filosofia do futuro, Além do bem e do mal*. São Paulo : Companhia das Letras, Tradução/Notas de Paulo César

Lima de Souza, 1992.

_____. *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém.* Parte 1, Ed. Bertrand : Brasil, 9ª. ed., trad. de Mário da Silva, Rio de Janeiro, 1998.

_____. *Ecce Homo – como alguém se torna o que é.* São Paulo : Cia. das Letras, tradução e notas de Paulo César Lima de Souza, 1995.

_____. *Genealogia da moral – uma polêmica.* São Paulo : Cia. das Letras, tradução e notas de Paulo César Lima de Souza, 1998.

_____. NIETZSCHE, in Coleção "Os Pensadores", Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho, Abril Cultural, São Paulo : Abril Cultural, 1991.

2. Sobre Nietzsche

ANDLER, C. *Nietzsche, sa Vie e sa Penser.* 3 Vol., Paris : Gallimard, 1958.

FINK, E. *Nietzsches Philosophie.* Stuttgart : Kohlhammer, 1960.

HEIDEGGER, M. *Nietzsche.* 2 Bde., Pfullingen : Neske, 1961.

JANZ, C., P. *Friederich Nietzsche.* 3 Bde., München : Carl Hanser Verlag, 1979.

JASPERS, K. *Nietzsche, Einführung in das Verständnis seines Philosophirens.* Berlin, Leipzig : Walter de Gruyter, 1936.

LÖWITH, K. *Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen.* Stuttgart : Kohlhammer, 1956.

MONTINARI, M. *Che Cosa Ha Veramente Detto Nietzsche.* Roma : Astrolabio-Ubaldini Editore, 1975.

NIETZSCHE Lesen: Die Götzen-Dämmerung. In: Nietzsche. *Studien.* Berlin, NY : Walter de Gruyter, 1984.

NEHAMAS, A. *Nietzsche. Life as Literature.* Cambridge : Harvard

University Press, 1985.

SALAGUARDIA, J. Fröhliche Wissenschaft zwischen Freigeisterei und neuer Lehre. In: *Nietzsche-Studien*. Berlin, NY : Walter de Gruyter, 1997.

SALOMÉ, L., A. *Friederich Nietzsche*. In: seinen Werken. Trad. Francesa de Bernard Grasset - Paris : Gordon et Breach, 1932.

STEGMAIER, W. *Nietzsches - Genealogie der Moral*. Darmstadt : Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1994.